

Saúde Coletiva e a pandemia da COVID-19: desafios para uma saúde global

Public Health and the COVID-19 pandemic: challenges for global health

La Salud Colectiva y la pandemia de COVID-19: desafíos para la salud global

Recebido: 02/05/2020 | Revisado: 04/05/2020 | Aceito: 07/05/2020 | Publicado: 14/05/2020

Fabio Araujo Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5659-1458>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: fabiodiaspsi@gmail.com

Eliane Ramos Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6381-3979>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: elianeramos.uff@gmail.com

Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4310-8711>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: roserosauff@gmail.com

Angelica Yolanda Bueno Bejarano Vale de Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9061-4476>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: angelicaflow@gmail.com

Resumo

A Saúde Coletiva visa alcançar a maior compreensão possível do fenômeno da vida humana relacionado ao processo saúde-doença e a obtenção dos maiores padrões alcançáveis de saúde e bem-estar da população. Este campo de saberes contribui para o combate à pandemia da COVID-19, tendo a epidemiologia como destaque. **Objetivo:** fomentar uma reflexão sobre saúde e a atual pandemia com a proposta da construção presente e futura de uma saúde global mais integrativa e cooperativa, com serviços de saúde acessíveis às populações. **Método:** revisão de literatura a partir de pesquisa realizada em livros e base de dados de publicações científicas (BVS e Scielo). **Resultados:** foram incluídos nessa revisão textos científicos

considerados pertinentes para a discussão, tendo como temas Saúde Coletiva e COVID-19.

Discussão: a discussão foi organizada em quatro categorias, a saber: desafios epidemiológicos da COVID-19 para a saúde; medidas de contenção da pandemia; o impacto da pandemia na saúde mental; o impacto social e econômico da pandemia. **Conclusão:** ainda existem muitos desafios para uma saúde global colaborativa entre os diversos países do mundo.

Palavras-chave: Saúde pública; Saúde global; Pandemias; COVID-19; Pessoal de saúde.

Abstract

Public Health aims to achieve as much understanding as possible of the phenomenon of human life related to the health-disease process and to obtain the highest attainable standards of health and well-being of the population. This field of knowledge contributes to the fight against the COVID-19 pandemic, with epidemiology as the highlight. **Objective:** to promote a reflection on health and the current pandemic with the proposal of the present and future construction of a more integrative and cooperative global health, with health services accessible to the populations. **Method:** literature review based on research carried out on books and database of scientific publications (VHL and Scielo). **Results:** scientific texts considered relevant for the discussion were included in this review, with the themes of Public Health and COVID-19. **Discussion:** the discussion was organized into four categories, namely: COVID-19 epidemiological challenges for health; measures to contain the pandemic; the impact of the pandemic on mental health; the social and economic impact of the pandemic. **Conclusion:** there are still many challenges for collaborative global health among different countries in the world.

Keywords: Public health; Global health; Pandemics; COVID-19; Health personnel.

Resumen

La Salud Colectiva tiene como objetivo lograr la mayor comprensión posible del fenómeno de la vida humana relacionado con el proceso de salud-enfermedad y obtener los más altos estándares posibles de salud y bienestar de la población. Este campo de conocimiento contribuye a la lucha contra la pandemia COVID-19, con la epidemiología como punto culminante. **Objetivo:** promover una reflexión sobre la salud y la pandemia actual con la propuesta de la construcción presente y futura de una salud global más integradora y cooperativa, con servicios de salud accesibles para las poblaciones. **Método:** revisión de la literatura basada en la investigación realizada en libros y base de datos de publicaciones científicas (BVS y Scielo). **Resultados:** los textos científicos se consideraron relevantes para

la discusión sobre el tema de Salud Colectiva y COVID- 19) **Discusión:** la discusión se organizó en cuatro categorías, a saber: COVID-19 desafíos epidemiológicos para la salud; medidas para contener la pandemia; el impacto de la pandemia en la salud mental; El impacto social y económico de la pandemia. **Conclusión:** todavía hay muchos desafíos para la salud global colaborativa entre los diferentes países del mundo.

Palabras clave: Salud pública; Salud global; Pandemias; COVID-19; Personal de salud.

1. Introdução

A doença do coronavírus - 2019 (ou *coronavirus disease* - COVID-19) foi identificada em Wuhan, China, em dezembro de 2019 e, pelo seu alto poder de contágio, sua incidência neste país e ao redor do mundo aumentou exponencialmente. Com o aumento das pessoas infectadas, óbitos e países afetados ao redor do mundo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o evento constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Em 11 de março de 2020, diante das diversas notificações de casos e óbitos em todos os continentes, a OMS caracterizou esse fenômeno como pandemia (Garcia & Duarte, 2020; Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020; Medeiros, Pereira, Silva & Dias, 2020).

Diante desse cenário mundial, todos os recursos, estudos, protocolos e experimentos já realizados em situações de epidemia têm sido trazidos ao debate para o enfrentamento desse desafio sanitário mundial.

Nesse contexto, a Saúde Coletiva tem sua base/origem na medicina social (Europa – fins do século XIX e início do século XX; Brasil – década de 1970) e amplia o escopo da atuação da medicina para além do aspecto biológico e considera o médico também como um reformador social.

Caracteriza-se por ser um campo transdisciplinar e multiparadigmático e tem como objetivo alcançar a maior compreensão possível do fenômeno da vida humana relacionado ao processo saúde-doença e a obtenção dos maiores padrões alcançáveis de saúde e bem-estar da população. Engloba a produção da medicina preventiva, medicina social, planejamento em saúde, pesquisas epidemiológicas, políticas de saúde, ciências sociais em saúde (Nunes, 2012).

Um dos campos da Saúde Coletiva que se ocupa justamente do estudo dos processos de saúde e doença nas coletividades é a epidemiologia, que contribui para o estabelecimento de prioridades para a alocação de recursos proporcionando as bases para avaliação de medidas

que promovam a qualidade de vida e fomenta práticas para o aprimoramento das políticas públicas, tendo como fator primordial a intersetorialidade de ações na construção da saúde para as populações.

A epidemiologia ocupa-se da: (1) descrição da amplitude dos problemas de saúde nas populações humanas; (2) elaboração e disponibilização de dados fundamentais para o estabelecimento de prioridades, para o planejamento, execução e avaliação das ações de prevenção, controle e tratamento das doenças; (3) identificação dos fatores etiológicos na gênese das enfermidades (Rouquayrol, 2012).

Diante dos desafios plurais da pandemia da COVID-19, a Saúde Coletiva pode contribuir, conforme seus limites e especificidades, para um entendimento mais amplo desse fenômeno global e seus desdobramentos nas variadas dimensões – biológica, psicológica, cultural, social, etc. – e possíveis impactos futuros. Isso permite uma sinergia interdisciplinar em prol de soluções em saúde para as populações, visando uma integração global em saúde.

A integração global se faz necessária em termos de cooperação em pesquisas e compartilhamento de soluções epidemiológicas, farmacológicas, metodológicas, nutricionais, ambientais, políticas, econômicas, psicológicas, sociais, etc., encontradas durante todo o processo pandêmico e em experiências epidemiológicas anteriores.

Em meio às incertezas ainda existentes no que diz respeito ao tratamento dessa moléstia, há que se ter cautela e um real apreço às vidas humanas no sentido de protegê-las e poupá-las dos riscos trazidos pela pandemia. Para tanto, faz-se necessário o apoio governamental dos diversos países, sobretudo para as populações mais vulneráveis, investimento na pesquisa científica, em tecnologias de saúde, na ampliação, capacitação e valorização de recursos humanos e disponibilização de recursos hospitalares para atender plenamente os casos graves da doença.

Nos dias atuais há o desafio de se pensar em saúde em termos globais e coletivos, considerando os múltiplos fatores intervenientes à saúde e bem-estar das populações, tais como condições sociais, ambientais, econômicas, de transporte, de trabalho, de moradia, de lazer, de alimentação, riscos de adoecimento e morte, sofrimentos de natureza psíquica, etc. Fatores estes que tendem ao agravamento diante da atual pandemia.

Diante do exposto, o presente artigo objetiva fomentar uma reflexão sobre saúde e a atual pandemia com a proposta de uma construção presente e futura de uma saúde global mais integrativa, cooperativa, com serviços de saúde acessíveis às populações.

2. Método

Trata-se de um estudo descritivo e reflexivo como preconiza Pereira et al. (2018) e, que tem como base a pesquisa bibliográfica exploratória por meio de textos acadêmicos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), em 2020, e livros sobre Saúde Coletiva, que apresentaram subsídios para a abordagem e reflexão do tema proposto.

As palavras-chave utilizadas para a execução da busca foram: “Covid” e “Saúde Coletiva” (em BVS), e “Covid” (em Scielo). Os materiais foram pré-selecionados de acordo com os títulos e leituras dos resumos, tomando como critério de inclusão: estudos relacionados aos temas COVID-19 e Saúde Coletiva. Foram excluídos estudos que tinham como questão central especificidades que fugiam ao tema para o debate proposto no presente artigo.

Estudos que o título e resumo não forneceram informações suficientes, os mesmos foram lidos de modo dinâmico para averiguação se o mesmo seria incluído ou não para uma leitura mais criteriosa como os demais textos pré-selecionados.

Gil (2014, p. 50) indica que a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, tendo como principal vantagem a cobertura de uma maior gama de fenômenos se comparada a uma pesquisa direta circunscrita a um campo empírico.

3. Resultados

Foram encontrados no portal da BVS 140 artigos e, no Scielo, 46, em abril de 2020. Após a adoção dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 20 artigos (BVS e Scielo).

Além disso, foram selecionados textos sobre “Saúde Coletiva” em livros que tratassem desse assunto em termos abrangentes e históricos como ponto de partida para o debate no presente artigo.

A partir de uma leitura criteriosa dos textos selecionados foram construídas quatro categorias para a discussão do tema: desafios epidemiológicos da COVID-19 para a saúde; medidas de contenção da pandemia; o impacto da pandemia na saúde mental; o impacto social e econômico da pandemia.

4. Discussão

4.1. Desafios epidemiológicos da COVID-19 para a saúde

A atual pandemia da COVID-19 atingiu pelo menos 140 países até abril de 2020. Ninguém estava preparado para esta doença altamente infecciosa e de transmissão rápida, criando uma tensão sem precedentes nos profissionais de saúde e nos sistemas de saúde em geral. A guerra contra a COVID-19 continua em escala global. E esse combate está sendo travado com o esforço da comunidade científica ao redor do mundo em busca do conhecimento do vírus, o mecanismo de sua infecção, as características da transmissão da epidemia. Como não existem medicamentos ou vacinas específicos disponíveis para o tratamento desta doença súbita e letal, muitos medicamentos estão sendo utilizados e testados na terapia (Deng, 2020).

Ornell, Schuch, Sordi e Kessler (2020) expõem que, durante as pandemias, os cientistas, profissionais e gestores da saúde tendem a se concentrar no risco biológico e no patógeno no intuito de propor medidas de prevenção, contenção e tratamento da doença. Com isso, as implicações psicológicas tendem a ser subestimadas e negligenciadas, gerando lacunas para o estabelecimento de estratégias mais completas no enfrentamento da doença e possíveis doenças associadas.

Barreto et al (2020) destacam que a pandemia por COVID-19 representa um dos maiores desafios sanitários em escala mundial do século atual. Um dos desafios centrais é consolidar o conhecimento científico sobre esse novo vírus. Sabe-se que sua disseminação é alta e que é capaz de provocar mortes em populações vulneráveis, mas ainda não há estratégia, vacina ou medicação definida para combate eficaz e definitivo do vírus nas diversas partes do mundo.

A Saúde coletiva se ocupa do estudo da saúde das populações. Ventura et al (2020) defendem uma agenda de pesquisa permanente para emergências internacionais, considerando o impacto das crises sobre a saúde das populações, bem como as causas sociais, ambientais, econômicas e políticas das epidemias. Para tanto, é fundamental o fomento das pesquisas interdisciplinares de modo contínuo, sistemático e consistente.

Nesse combate à epidemia e defesa das vidas, há que se considerar a importância e pertinência da vigilância e da pesquisa em saúde, conduzidas por profissionais bem formados e capacitados (Ventura et al, 2020).

A detecção e a contenção de doenças num contexto epidêmico ou pandêmico têm melhores condições de serem efetivadas em países com sistemas de saúde bem estruturados e permanentes, que forneçam cobertura universal de forma ampla e consolidada. No Brasil, por exemplo, o Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo subfinanciado, possui uma estrutura norteada pela Constituição Federal brasileira, de 1988, que prevê no artigo 196¹: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

A pandemia traz a possibilidade de reflexão acerca da saúde num sentido mais amplo, ou seja, considerando não somente os aspectos biológicos, mas incluindo determinantes e condicionantes que estão atrelados a esse tema, tais como “a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais”².

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda inicialmente, para tratamento e diagnóstico emergencial da COVID-19, descartar as doenças respiratórias mais comuns e adotar o protocolo de tratamento da gripe em tempo hábil para evitar casos graves e mortes por doenças respiratórias conhecidas, quando indicado (Croda et al, 2020).

A taxa de letalidade pela pandemia está estimada em torno de 0,5 a 4%. O percentual de assintomáticos é de cerca de 1%, e a maioria dos assintomáticos desenvolve sintomas em torno de 2 dias. Com isso, os assintomáticos parecem não ter papel relevante de transmissibilidade da doença. A taxa de letalidade causada por esse vírus é semelhante à da gripe espanhola (2 a 3%) e mais elevada do que a da H1N1 (0,02%) ou da gripe sazonal (0,1%). Contudo, 80,9% dos casos da doença são leves (Silva, 2020).

Há uma preocupação global de redução do número de casos e achatamento da curva de incidência concomitante dos casos. Para tanto, a principal estratégia adotada tem sido o isolamento social. Com a projeção de um aumento nos casos da COVID-19 nos próximos meses em muitos locais do mundo, há a busca pela fabricação e aquisição de ventiladores mecânicos para serem disponibilizados em unidades de terapia intensiva (UTIs) com fins de atenderem pacientes graves hospitalizados com COVID-19. Há também o empenho para a

¹ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao compilado.htm. Acessado em 25/04/2020.

² A lei que trata do SUS indica esses aspectos como condicionantes e determinantes da saúde, entre outros. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acessado em 25/04/2020.

disponibilização de testes diagnósticos específicos para detecção do vírus na população e prevenção de transmissão pelos já infectados (Croda et al, 2020).

Especialmente em países em desenvolvimento, como no Brasil, há o agravamento da existência de populações precárias em termos de habitação e saneamento, sem água potável e sem condições de higiene minimamente adequadas, alta aglomeração de pessoas em locais de vulnerabilidade social, alta prevalência de doenças crônicas e desigualdade demográfica no país como um todo, verifica-se a falta de testes diagnósticos suficientes para mapear a contaminação em tempo real. Isso torna um desafio ainda maior a caracterização e mapeamento do contágio da COVID-19 nessa realidade e, por conseguinte, a elaboração da melhor estratégia para o combate da epidemia e diminuição do contágio nas diversas populações (Barreto et al, 2020).

As decisões adotadas, sugeridas e articuladas conforme o fluxo da pandemia pela OMS e outras organizações de saúde devem ser baseadas nas melhores evidências científicas disponíveis, atualizadas em tempo real e com transparência. Os líderes dos diversos países do mundo devem reforçar esse caminho e contribuir nesse propósito de modo integrado em prol de uma saúde global para as populações ao redor do mundo.

4.2. Medidas de contenção da pandemia

As medidas de contenção adotadas internacionalmente são similares, porém os resultados podem ser diferentes do esperado em cada país, considerando as especificidades climáticas, sociais, epidemiológicas. Por isso, há que se ter cautela na análise do andamento da pandemia em termos nacionais e internacionais para que haja um entendimento mais preciso da real situação na atual conjuntura (Freitas, Napimoga & Donalisio, 2020).

Em relação às diferenças culturais, o uso de máscaras é comum e aceito na Ásia, ao contrário da América Latina. Além disso, os países asiáticos têm uma cultura de mais distanciamento físico se comparada aos países latinos. Essas diferenças podem influenciar na evolução das pandemias e devem ser consideradas nos protocolos de saúde e ciências sociais (Croda et al, 2020).

Ibidem (2020) indicam que, se o distanciamento físico for efetivo durante o tempo necessário, limitando o acesso do público apenas a serviços essenciais, o impacto econômico poderá ser mitigado quando a atual pandemia da COVID-19 for controlada.

Toda a população mundial fica vulnerável em tempos de pandemia, contudo há grupos específicos que são especialmente vulneráveis: idosos, imunocomprometidos, pacientes com

condições clínicas e psiquiátricas prévias, familiares de pacientes infectados e residentes de áreas de alta incidência. Em relação a esses grupos, rejeição social, discriminação e até xenofobia são frequentes (Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020). Para diminuir essa frequência, campanhas informativas para conscientização da sociedade e outras ações cabíveis para mitigar essa incidência devem ser estimuladas.

Diante do atual cenário pandêmico, torna-se ainda mais evidente a importância de um aumento de investimento em pesquisas e da adoção peremptória de ações estratégicas para a saúde em todo o mundo (*Ibidem*, 2020).

Essa pandemia encontra ausência de vacina e de imunidade prévia na população humana, o que permite um crescimento do número de casos de modo exponencial. Com isso, medidas individuais como é o caso de lavagem de mãos, distanciamento social, uso de máscaras por pessoas suspeitas ou infectadas e seus cuidadores – são recomendadas para inibir ou desacelerar a transmissão entre os indivíduos. Não existem estudos consolidados sobre a efetividade da utilização de máscaras por pessoas assintomáticas para prevenção da transmissão do coronavírus (Garcia & Duarte, 2020).

Medidas ambientais também são sugeridas – arejamento de ambientes e limpeza de superfícies – para eliminação do vírus nessa esfera. E medidas coletivas por parte dos gestores e líderes comunitários, empresariais e políticos no sentido de proteger a população pela restrição ao funcionamento de locais de convívio comunitário – escolas, universidades, teatros, cinemas, eventos sociais e esportivos, estabelecimentos comerciais – que não sejam caracterizados como prestadores de serviços essenciais (Garcia & Duarte, 2020).

Cabe destacar a importância de se ter um cuidado especial para grupos populacionais mais vulneráveis, tais como moradores de rua, população carcerária, idosos institucionalizados ou que vivem sozinhos ou, residentes em domicílios com aglomeração de pessoas, sem ventilação adequada, sem água canalizada, migrantes, portadores de necessidades especiais, crianças carentes sem acesso à alimentação escolar, entre outros (Garcia & Duarte, 2020).

Três medidas têm sido efetivas, como afirma Silva (2020), para redução da transmissão da COVID-19 ao redor do mundo, tendo como exemplo a China: (a) proteger os profissionais de saúde com equipamentos de proteção individual (EPIs); (b) identificar os casos sintomáticos, realizar os testes, dar os resultados rapidamente e isolá-los; (c) identificar os comunicantes e colocá-los em quarentena.

4.3. O impacto da pandemia na saúde mental

Estima-se, que entre um terço e metade da população exposta a uma epidemia pode vir a sofrer alguma manifestação psicopatológica, que podem precisar de cuidados específicos para os sintomas apresentados. Cabe salientar que muitos problemas psicológicos e sociais atrelados ao fenômeno da pandemia não são classificados como doenças, mas como reações normais diante de uma situação atípica global (Brasil, 2020a).

Nesse contexto pandêmico, há a intensificação dos níveis de ansiedade e estresse em pessoas saudáveis e dos sintomas de indivíduos com transtornos psiquiátricos. Cabe salientar que as implicações para a saúde mental podem durar mais que a própria pandemia. Por isso, a importância de se estabelecer políticas e estratégias para mitigação desses desdobramentos no âmbito da saúde mental, extensivamente aos profissionais de saúde, que, na linha de frente no combate à COVID-19, sofrem com altos níveis de estresse (Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020).

Estima-se que, após a pandemia, há a possibilidade da existência de muitas pessoas com: depressão, lutos patológicos, estresse pós-traumático, consumo excessivo de álcool e outras drogas, comportamento violento, entre outros (Brasil, 2020b; Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020).

Os profissionais de saúde merecem especial atenção, considerando o impacto de condições de trabalho sob pressão constante, exaustão física e mental, insônia, ansiedade e o medo de ser infectado ou transmitir infecção a entes queridos ao desempenharem tarefas sem equipamentos de proteção individual adequados (Santos, 2020).

Além disso, nesse período de isolamento social como estratégia de contenção da transmissão da COVID-19, as organizações voltadas ao enfrentamento da violência doméstica indicaram aumento da violência doméstica devido à coexistência forçada na quarentena doméstica obrigatória, estresse econômico e temores sobre o coronavírus. Isso pôde ser notado na China, Itália, Espanha, Brasil, fomentado pela existência estrutural de uma sociedade com tendência machista, androcêntrica e misógina. Portanto, percebe-se que, em variados países, durante a pandemia da COVID-19, há o agravamento da violência contra a mulher e a redução do acesso a serviços de apoio às vítimas (assistência social, saúde, segurança pública e justiça) por conta do isolamento e medo de contágio do vírus (Vieira, Garcia & Maciel, 2020).

O Estado e a sociedade devem atuar no sentido de oferecerem garantia às mulheres o direito a uma vida sem violência. Para tanto, há que haver mecanismos para acolher as

denúncias e investigá-las, com medidas protetivas para as vítimas de agressões. Deve haver ampla divulgação dos serviços disponíveis para esse propósito, bem como a expansão e fortalecimento das redes de apoio – formais, informais e virtuais (Vieira, Garcia & Maciel, 2020).

As estratégias de cuidado psíquico em situações de pandemia apontam para o estímulo das atitudes pessoais no sentido de reconhecimento dos próprios receios e sintomas e a busca de apoio na sua rede socioafetiva (familiares, amigos, colegas, mesmo que virtualmente) e na rede pública ou privada de saúde quando necessário.

Também são recomendados exercícios físicos e ações que possam reduzir o estresse agudo, tais como meditação e leituras, bem como o incentivo ao cultivo de um espírito solidário e participação da comunidade, ajudando a quem precisa. Deve-se evitar o uso do tabaco, álcool ou outras drogas como forma de lidar com as emoções. Sugere-se ainda a busca em fontes confiáveis de informação, como o site da OMS, e a redução do tempo assistindo ou ouvindo coberturas midiáticas (Brasil, 2020a).

Outrossim a crise mundial causada pela pandemia pode ser uma oportunidade para as pessoas pensarem sobre a importância do autocuidado em termos físicos, psicológicos e sociais, sobre suas prioridades, sentido de vida, valores e visão de mundo. É um desafio para as instituições nacionais e internacionais criarem meios de suporte para a saúde mental da população (Medeiros, Pereira, Silva & Dias, 2020).

4.4. O impacto social e econômico da pandemia

A pandemia traz impactos globais em termos sociais e econômicos: bolsas de valores em queda, falência ou colapso de empresas (sobretudo as de pequeno e médio porte), perda de empregos em massa (mesmo que temporariamente), aumento dos trabalhadores informais sem proteção social, que se expõem ao risco de exposição ao vírus para que consigam, ainda que precária ou minimamente, recursos financeiros ou materiais para eles e seus dependentes. Com isso, não seguem a recomendação de isolamento social amplamente reiterada pela OMS e cientistas da área da saúde (Buss & Tobar, 2020).

O isolamento social se justifica diante da inexistência de vacina e de terapia medicamentosa comprovada até o presente momento, da insuficiente cobertura de testes, da duração prolongada dos quadros clínicos graves ocupando leitos de UTIs, e das experiências de outros países (Fiho, Assunção, Algranti, Garcia, Saito & Maeno, 2020).

A estratégia de isolamento social objetiva a redução dos picos epidêmicos para evitar uma sobrecarga no sistema de saúde. Em países em desenvolvimento, com profunda desigualdade social e falta de equidade em saúde, a população vulnerável acabam recebendo atenção aquém do necessário nos seus respectivos sistemas de saúde. Com isso, a crise da COVID-19 deve ser tratada com especial atenção, carecendo de lideranças governamentais competentes e atuantes para minimizar a gravidade dessa pandemia e evitar mortes em maior escala (Villela, 2020).

Diante desse cenário mundial, os governos dos diversos países afetados pela pandemia têm recorrido a suas reservas financeiras para gastarem em serviços de saúde, assistência financeira a empresas e trabalhadores (geralmente nessa ordem) com vistas a evitarem a deterioração ainda maior da situação social e sanitária (Buss & Tobar, 2020).

Há que se atentar para o fortalecimento de políticas que considerem os determinantes sociais em prol da saúde da população e de condições mais equânimes para todos. O sonho ainda permanece de uma sociedade mais solidária, democrática, fraterna e socialmente engajada pelo bem de todos em termos globais.

5. Conclusão

A Saúde Coletiva defende a saúde como sendo de interesse da sociedade e objetiva o entendimento mais amplo possível do fenômeno da vida humana relacionado ao processo saúde-doença e a obtenção dos maiores níveis alcançáveis de saúde e bem-estar das populações. A epidemiologia apresenta-se como uma das áreas de estudo da Saúde Coletiva e tem especial contribuição para o combate à pandemia da COVID-19.

O isolamento horizontal continua como medida de contenção da pandemia, ainda que sejam notórios os desdobramentos econômicos, psicológicos e sociais dessa medida. Há ainda a necessidade de investimento em testagens de amostras da população para que se tenha algum respaldo para a diminuição gradual e estratégica do isolamento social em todo o país.

A integração dos diversos países em prol de uma saúde global deve instituir e estimular a construção conjunta de estratégias em saúde para supressão ou mitigação da COVID-19 e possíveis pandemias futuras. Para tanto, ainda que existam diferenças políticas e culturais entre os países, deve haver a prevalência da colaboração e integração entre os governos, universidades, institutos de pesquisa e saúde pública e outras instâncias, instituições e órgãos atuantes ou que possam contribuir nesse propósito.

Mesmo em meio à recessão econômica em escala mundial e sofrimentos psíquicos causados pelo confinamento, há ainda a possibilidade dos diversos países ponderarem sobre a implantação ou fortalecimento de políticas públicas voltadas para o bem estar social e diminuição da desigualdade social, a adoção ou fomento de práticas integrativas e colaborativas em saúde global, a construção de uma sociedade mais solidária, fraterna e democrática.

A pandemia da COVID-19 está ainda em curso afetando países e milhões de pessoas ao redor do mundo. Sugere-se a elaboração de outros estudos sobre esse tema relevante nos dias atuais. Ainda há muito a ser discutido e descoberto sobre a COVID-19 sob a investigação e análise dos diversos campos do saber, em especial, o da Saúde Coletiva.

Referências

Barreto, ML, Barros, AJD, Carvalho, MS, Codeço, CT, Hallal, PRC, Medronho, RA, Struchiner, CJ, Victora, CG & Werneck, GL. (2020). O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil?. Revista Brasileira de Epidemiologia, 23, e200032. Epub. 22 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200032>

Brasil. (2020a). Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. (2020a). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: recomendações gerais. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/pdf/108>. Acesso em 13/05/2020.

Brasil. (2020a). Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. (2020b). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: recomendações para gestores. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/especial/covid19/pdf/110>. Acesso em 13/05/2020.

Buss, PM & Tobar, S. (2020). La COVID-19 y las oportunidades de cooperación internacional en salud. Cadernos de Saúde Pública, 36(4), e00066920. Epub 22 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00066920>

Croda, J, Oliveira, WK, Frutuoso, RL, Mandetta, LH, Baia-da-Silva, DC, Brito-Sousa, JD, Monteiro, WM & Lacerda, MVG. (2020). COVID-19 in Brazil: advantages of a socialized unified health system and preparation to contain cases. Revista da Sociedade Brasileira de

Medicina Tropical, 53, e20200167. Epub. 17 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0167-2020>

Deng, CX. (2020). The global battle against SARS-CoV-2 and COVID-19. International Journal of Biological Sciences, 16(10), 1676-1677. <https://doi.org/10.7150/ijbs.45587>

Fiho, JMJ, Assunção, AA, Algranti, E, Garcia, EG., Saito, CA & Maeno, M. (2020). A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, 45, e14. Epub. 17 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/2317-6369ed0000120>

Freitas, ARR, Napimoga, M & Donalisio, MR. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29(2), e2020119. Epub. 10 maio 2020. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200008>

Garcia, LP & Duarte, E. (2020). Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 29(2), e2020222. Epub. 12 de maio de 2020. <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200009>

Gil, AC. (2014). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.

Medeiros, AYBBV, Pereira, ER, Silva, RMCRA, Dias, FA. (2020). Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social por pandemia COVID-19 uma reflexão a luz de Viktor Frankl. Research, Society and Development, 9(5), e122953331. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3331>

Nunes, ED. (2012). Saúde Coletiva: uma história recente de um passado remoto. In: Campos, GWS., Minayo, MCS, Akerman, M., Drumond Júnior, M & Carvalho, YM. (orgs.). Tratado de Saúde Coletiva. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Hucitec, p. 17-37.

Ornell, F, Schuch, JB, Sordi, AO & Kessler, FHP. (2020). “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. Brazilian Journal of Psychiatry, Epub. 03 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>

Pereira, AS et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Acesso em: 13 maio 2020. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Rouquayrol, MZ. (2012). Contribuição da Epidemiologia. In: Campos, G. W. S., Minayo, M. CS, Akerman, M, Drumond Jr, M & Carvalho, YM. (orgs.). *Tratado de Saúde Coletiva*. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Hucitec, p. 343-398.

Santos, CF. (2020). Reflections about the impact of the SARS-COV-2/COVID-19 pandemic on mental health. *Brazilian Journal of Psychiatry*, Epub. 17 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0981>

Silva, AAM. (2020). Sobre a possibilidade de interrupção da epidemia pelo coronavírus (COVID-19) com base nas melhores evidências científicas disponíveis. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200021. Epub. 16 de março de 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200021>

Ventura, DFL, Ribeiro, H, Giulio, GM, Jaime, PC, Nunes, J, Bógus, CM, Antunes, JLF & Waldman, EA. (2020). Desafios da pandemia de COVID-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(4), e00040620. Epub. 22 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00040620>

Vieira, PR, Garcia, LP & Maciel, ELN. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033. Epub. 22 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>

Villela, DAM. (2020). The value of mitigating epidemic peaks of COVID-19 for more effective public health responses. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 53, e20200135. Epub. 23 de março de 2020. <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0135-2020>

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Fabio Araujo Dias – 70%

Eliane Ramos Pereira – 10%

Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva – 10%

Angelica Yolanda Bueno Bejarano Vale de Medeiros – 10%